

SOBREVIVÊNCIAS E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO ESPAÇO: AVANÇOS, AMBIGUIDADES E PERSPECTIVAS

SURVIVAL AND GENDER VIOLENCE IN SPACE: ADVANCES, AMBIGUITIES AND PERSPECTIVES

Lidia M V POSSAS¹

1. RESUMO: A pesquisa emergiu no contexto das reflexões comemorativas dos 40 anos/ UNESP (1976-2016) e assumiu como objeto de análise (re) tomar a trajetória histórica da universidade, avaliar as “agências”, as demandas estudantis existentes em uma perspectiva de gênero. Colocando-se como parceira das metas assumidas, a investigação situa-se na urgência de garantir efetivamente a inclusão social, de gênero e racial na vida acadêmica diante dos inúmeros enfrentamentos e os conflitos que se fazem presentes no vivido dos campi universitários. A proposta parte de um olhar epistemológico de modo a garantir uma revisão das imagens e representações que temos de nossa realidade acadêmica no contexto latino americana. Não se trata de um estudo como denúncia, mas de análise das praticas sociais e da violência de gênero naturalizadas, em uma “cultura do estupro” vivenciadas no ambiente universitário – UNESP. Inserido no Tempo Presente e na perspectiva de captar oralidades através das distintas narrativas e depoimentos de estudantes, consideradas(os) *vítimas/sobreviventes* decorrente desse tipo de violência incluindo a análises dos comportamentos e valores observados nas atividades estudantis como *os trotes (proibidos na UNESP, porém mantidos com outras significações e práticas)*, as festas e os relacionamentos “ relâmpagos”. Partimos de questões, como: Por que persiste essa espécie de violência seja física ou psicológica e quais as razões em um ambiente acadêmico e com uma população de formação superior? Que alternativas são possíveis de observar? Como enfrentar a vulnerabilidade frente a frequente retaliação e a permanência de assédio e até de agressões? Como a UNESP tem convivido e enfrentado as tensões e os conflitos de relação de gênero, nesses 40 anos de uma trajetória?

PALAVRAS CHAVE : Gênero, Violência, Sobrevivência e Espaço Acadêmico

ABSTRACT. The present research project / CNPq emerged in the context of the commemorative reflections of the 40 years / UNESP (1976-2016) and assumed as an object of analysis (re) taking the historical trajectory of the university, evaluating the “agencies”, the student demands existing in a gender perspective. As a partner of the goals adopted, the research is based on the urgency of effectively guaranteeing social, gender and racial inclusion in academic life in the face of the numerous confrontations and conflicts that are present in the life of university campuses. The proposal starts from an epistemological perspective in order to guarantee a review of the images and representations that we have of our academic reality in the Latin American

¹ Livre-Docente em História da América latina, Cultura e Gênero, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Linha 2: Identidade, Cultura e Memória e Coorda. Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero/LIEG – UNESP, campus de Marília www.culturaegenero.com.br

<http://doi.org/10.33027/2447-780X.2017.v3.n1.08.p97>

context. It is not a study, but an analysis of social practices and gender - based violence in the “rape culture” experienced in the university environment - UNESP. Inserted in Present Time and in the perspective of capturing oralities through the different narratives and testimonies of students, considered the victims / survivors resulting from this type of violence including the analysis of the behaviors and values observed in the student activities as the trot (prohibited in UNESP but maintained with other meanings and practices), the parties and the “lightning” relationships. We start with questions such as: Why does this kind of physical or psychological violence persist and what are the reasons in an academic environment with a population of higher education? Which alternatives are possible to observe? How to deal with vulnerability to frequent retaliation and the persistence of harassment and even aggression? How has UNESP coexisted and faced the tensions and conflicts of gender relations in these 40 years of its trajectory?

KEY WORDS: Gender, Violence, Survival and Academic Space

2. QUALIFICANDO A PROBLEMÁTICA;

O Projeto emerge do contexto das atividades de comemoração dos 40 anos/ UNESP _ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (1976-2016)² que aproveita a data para (re) tomar a sua trajetória histórica, avaliar as “agências”³, as demandas existentes e a sua participação acadêmica no país e internacional.

Uma das metas que esta sendo debatida situa-se na urgência de garantir efetivamente a inclusão social, de gênero e racial na vida acadêmica diante dos inúmeros enfrentamentos e os conflitos que se fazem presentes no vivido dos campi universitários. É evidente que uma gama de problemáticas sócio culturais, econômicas e políticas da sociedade brasileira e do país foram transportadas para o seu cotidiano criando outras exigências inclusive curriculares, conceituais e explicativas. Diante das novas demandas, das tensões e conflitos gerados passei a observar a necessidade de debruçar-me sobre essa realidade – o espaço acadêmico - como um campo de estudo, o que me exige rever as ferramentas existentes realizando a crítica necessária diante da produção do conhecimento científica que, dado as realidades complexas e distintas vem debatendo uma maior autonomia intelectual, localizada, híbrida que possibilitam introduzir novas perspectiva analíticas, as categorias dissonantes libertando-a dos modelos e paradigmas explicativos dominantes.

À exemplo das teóricas feministas contemporâneas em sua revisão conceitual, a partir de um “sul”, que é mais que o geográfico, tem-se realizado a desconstrução do olhar do ocidente hegemônico e das tendências monolíticas

2A UNESP é distribuída do litoral ao interior do Estado de São Paulo. Possui a característica de ser *multicampus* atuando em 24 cidades paulistas. Conta com 134 curso de Graduação (37.388 estudantes), 13.200 cursos de Pós Graduação (13.2006 estudantes). Atua com 3.880 docentes titulados e mais de 7 mil funcionários distribuídos em suas 34 unidades . Jornal Estado de São Paulo de 30/01/2016.

3Dentre as atividades propostas, salientando-se o trabalho do CEDEM /Centro de Memória, participe de uma Mesa Redonda intitulada “ Mulheres Intelectuais na UNESP, no dia 17/08 e, São Paulo, Reitoria .

emanadas pelo “norte” (FRASER, 2007)⁴ o que me aproximou da construção de tradições acadêmicas feministas *contra* *hegemônicas* de percepção do mundo, da atuação das mulheres e das relações de gênero em contraponto com as propostas (monolíticas) ocidentais (MOHANTY, 2010, p. 75).

Portanto a presente investigação tem como ponto de partida uma revisão do olhar epistemológico presente na produção científica latino americana, de modo a garantir que uma revisão das imagens e representações que temos de nossa realidade latino americana, inclusive acadêmica, me possibilite sair da direcionalidade de relações de poder convencionais produzidas pelas teorias existentes. Um dos exemplos dessa postura intelectual está no conceito “do relativo subdesenvolvimento do Terceiro Mundo” (que é nada menos do que injustificadamente o híbrido processo de desenvolvimento com um caminho em separado tomado pelo Ocidente em seu desenvolvimento do capitalismo”). Esse pensamento vem sendo refletido inclusive sobre as mulheres terceiro mundistas, como um grupo ou categoria definida *a priori*, que reforça estereótipos e as exclui:

...as religiosas (leia-se ‘não progressista’), orientadas para a família (leia-se ‘tradicional’), menores legais (leia-se ‘elas-são ainda-não-conscientes-de-seus-direitos’), analfabetas (leia-se ‘ignorantes’), domésticas (leia-se ‘atrasadas’) e, algumas vezes, revolucionárias (‘o seu país-está-em-um-estado-de-guerra-onde-há-que-lutar!’). “Isso é como a ‘diferença de terceiro mundo’ é produzida” (MOHANTY, 1984, p. 352)

A proposta é de caminhar na contra mão dessa perspectiva e observar os conflitos existentes nas relações de gênero que são muitas vezes sutis, de varias ordens e nuances. No espaço universitário, vivenciamos nas relações cotidianas praticas essencialmente misóginas, conservadoras, elitistas contraditórias que acabam sendo excludentes e não condizem com os discursos e a retorica de uma autonomia endógena, um espaço de pessoas “esclarecidas”. As transformações do mundo contemporâneo, os avanços políticos e sociais obtidos por aqueles que durante muito tempo foram considerados os silenciados, agora, são sujeitos de direito e de representatividade. As *minorias*⁵ *alçaram* conquistas inéditas, embora ainda enfrentem situações onde são consideradas como *diferentes* e, portanto sem a devida legitimidade pelos saberes dominantes.

Situando o lugar do discurso da pesquisa e da pesquisadora, pretendo aproximar-me dessas complexidades e contradições com um estudo abordando

⁴Estaria me aproximando de uma abordagem que se faz presente na academia, desde os anos 70, sendo denominado de estudos pós coloniais na medida em que revê as especificidades das sociedades, das relações de poder partir do lugar dos sujeitos, sem intermediações frente ao processo de globalização e da construção do capitalismo pelo Ocidente. BALESTRINI, Luciana, 2013.

⁵As minorias sociais são as coletividades que sofrem processos de estigmatização e discriminação, resultando em diversas formas de desigualdade ou exclusão sociais, apesar de constituírem a maioria numérica da população. Nesse sentido incluem além das mulheres, os negros, indígenas, imigrantes, homossexuais, trabalhadores do sexo, idosos, moradores de vilas (ou favelas), portadores de deficiências, obesos, pessoas com certas doenças, moradores de rua, ex-presidiários.

as práticas sociais e a violência de gênero⁶ vivenciadas no ambiente universitário – UNESP – analisando, os conflitos gerados pela presença de comportamentos sexistas, misóginos e naturalizados da “cultura do estupro”⁷. As feministas norte americanas pós-coloniais vem defendendo vários movimentos na perspectiva do *dismantle rape culture* (GILMORE, 2011)⁸.

Em minha experiência docente como unespiana (1995-2015) tive a oportunidade de ouvir falas de estudantes e as razões do(s) silêncio(s) que de certa maneira “imobilizavam” aquelas que foram vítimas de violência, sendo que o medo e a exposição pública levaram algumas delas a opção de abandonar a vida universitária. Nosso empenho é adentrar com mais profundidade nas distintas narrativas e depoimentos das *vítimas/sobreviventes da violência*, com atenção aos comportamentos gerados nas relações de gênero e valores observados nas atividades estudantis como os *trotes*⁹ (*Proibição do Trote na UNESP*), porém mantidos com outras significações e práticas, as festas e os relacionamentos “relâmpagos” (o ato de ficar com...). Por que persiste essa espécie de violência seja física ou psicológica e quais as razões em um ambiente acadêmico e com uma população de formação superior? Que alternativas são possíveis de observar? Como enfrentam a vulnerabilidade frente a frequente retaliação e a permanência de assédio e até de agressões? Como a UNESP tem convivido e enfrentado as tensões e os conflitos de relação de gênero, nesses 40 anos de uma trajetória?

A concretude da questão problematizadora da proposta se coloca em um levantamento inicial de notícias em distintos sites e revistas online que divulgavam casos: **Como as universidades brasileiras abafam os casos de**

⁶Nessa proposta, constitui-se de um campo teórico-metodológico que se fundamenta nos estudos da opressão e dos conflitos que marcam a vida das mulheres de classes, raças, religiões, culturas diferentes e para além de uma visão binária e reducionista entre os sexos, em consonância os movimentos feministas pós-coloniais que levam em consideração as dimensões micropolíticas, de subjetividades e de lutas específicas, quanto aos contextos macropolíticos dos sistemas políticos e econômicos globais sem descuidar de análises particulares, singulares. MATOS, M., 2010.

⁷A expressão “cultura do estupro” é utilizada desde anos 70, para indicar a existência de um ambiente onde esse tipo de crime, de violência em relação à mulher torna-se naturalizado, justificado pela presença de uma cultura (valores e normas) que confirma a desigualdade social existente entre homens e mulheres, sendo estas vistas como indivíduos inferiores e, muitas vezes, como objeto de desejo e de propriedade do homem -- o que autoriza, banaliza ou alimenta diversos tipos de violência física e psicológica, entre as quais o *estupro*. “Ela provocou”, “ela estava de saia curta”, “ela não deveria sair sozinha”, “ela não deveria estar na rua naquela hora”, “ela não deveria ter bebido” ou “ela é uma mulher fácil” -- quando surge esse tipo de comentário que coloca em dúvida a denúncia da vítima, estamos diante de um traço da famigerada cultura do estupro”. *Cultura do estupro: Você sabe de que se trata.* Carolina Cunha em 6/06/2016 . <http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/discussao-o-brasil-vive-em-uma-cultura-do-estupro>. Acesso em julho de 2016

⁸GILMORE, Stephanie. On The Issues Magazine , Wednesday, 09 February 2011. <http://truth-out.org/archive/component/k2/item/94414:disappearing-the-word-rape>. Acesso em 2/07/2016

⁹Resolução UNESP n. 86 de 4/11/99 que dispõe sobre a proibição de trote, de modo que a “UNESP deva se engajar nos movimentos para a redução de violência e do abuso pessoal nos meio sociais”

assédio sexual¹⁰; Alunas da Rural relatam casos de estupro na universidade¹¹; O que está por trás da violência dentro das universidades?¹². Fórum Fale sem Medo: Violência contra mulheres no ambiente universitário.¹³

Desde 2014, o documentário *The Hunting Ground*¹⁴ chamou a atenção do LIEG - Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero/ UNESP de Marília ao colocar em evidência os casos de estupro nas principais universidades americanas. As relações de gênero e de poder praticadas pela conhecidas “fraternidades” (clubes esportivos e preferencialmente masculino) tinham um caráter violento e machista. E o mais relevante foi o descaso frente às tentativas de denúncia das vítimas (geralmente moças) pelas autoridades locais e instituições de ensino. Recentemente para enfrentar essa situação as estudantes (UNESP, campus de Bauru e Botucatu) organizaram os “coletivos”¹⁵, grupos que se organizam para dar visibilidade aos relatos e as experiências, algumas mais traumáticas vividas pelos jovens e que ganham repercussão na imprensa e em vários campi, com a adesão e ampliação de uma rede e contatos. Conforme nos sugeriu MELUCCI (1999) são aquelas experiências do cotidiano, a relação e interlocução estabelecida entre os outros grupos que darão a existência dos coletivos a relevância capaz de enfrentar contexto em que se manifesta.

É evidente que reconheço as especificidades da realidade e a estrutura das universidades situadas ao Norte, distintas de nossas universidades no hemisfério Sul/Brasil. No entanto, nos últimos anos do sec. XXI, as denúncias de estudantes brasileiras, em vários estados da federação, ganharam força

¹⁰ Revista Galileu - <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/02/rompendo-o-silencio-vitimas-de-violencia-nas-universidades-brasileiras-contam-suas-experiencias.html>. Acesso 3/2016

¹¹ Ver <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2016-04-04/alunas-da-rural-relatam-casos-de-estupro-na-universidade.html>. Acesso 3/2016

¹² A revista Veja com divulgou uma matéria com vários depoimentos. Uma estudante perante a Assembleia Legislativa/ SP denunciou que tinha “ sido estuprada em 2011 e que, na ocasião, procurou a direção do curso. Em resposta, membros da diretoria teriam tentado convencê-la a não denunciar o crime . <http://veja.abril.com.br/educacao/o-que-esta-por-tras-da-violencia-dentro-das-universidades/> Acesso em março/2015

- <http://veja.abril.com.br/educacao/o-que-esta-por-tras-da-violencia-dentro-das-universidades>. Acesso

¹³ O Instituto Avon, contando com a parceria do Instituto Patrícia Galvão, Ministério Público de São Paulo, Defensoria Pública de São Paulo e Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos, promoveu a terceira edição do FÓRUM FALE SEM MEDO. São Paulo, 3 de dezembro de 2015. <http://www.compromissoaatitude.org.br/instituto-avon-promove-forum-fale-sem-medo-violencia-contr-a-mulher-no-ambiente-universitario-sao-paulo-03122015/> Acesso janeiro/2016.

¹⁴ Esse documentário tornou-se referência de estudo e, principalmente de denúncia frente os casos de abusos e violência sexual nos campos e fraternidades norte americanas. Ver crítica ao filme no Plano crítico. <http://www.planocritico.com/critica-the-hunting-ground/>. Acesso março de 2016.

¹⁵ São vários os coletivos que adquirem identidades próprias em cada campus. Os grupos de jovens estudantes veteranos e ingressantes nas universidades se reúnem para chamar a atenção para problemas ainda não reconhecidos nas agendas prioritárias, como o de dar visibilidade à luta das mulheres, dos homossexuais. Cria-se uma empatia que rola dentro dos coletivos **faz com que cada participante se sinta amparada e empoderada**. <http://capricho.abril.com.br/vida-real/tudo-voce-precisa-saber-coletivos-feministas-942780.shtml>. Acesso em abril de 2016

e significado com a organização de resistências e o apoio de procuradoras e advogadas das vítimas.

Um levantamento “inédito” do Instituto Avon ao Data Popular foi realizado em cinco regiões do Brasil, sendo ouvidos 1,8 mil estudantes e chegou-se a seguinte afirmação: “ Quase 70% das mulheres já sofreram violência em universidades”¹⁶

Foi justamente diante dos depoimentos de varias estudantes brasileiras, em momentos diferentes que, como historiadora e feminista chamou a atenção para o “fato histórico”. Para mim há o *fato* quando sugere a presença de muitas memórias, muitos testemunhos. Portanto, há provas/documentais que alguma *coisa* aconteceu e vem se mantendo e que possui uma memória vivida, com testemunhos oculares. Porém poderá ficar hibernando nos registros escritos, iconográficos ou orais se olhares sensíveis aos ruídos e, ao próprio ofício não enfrentarem a tarefa de criar o fato, investigando.(Ricoeur, 2007, p. 189).

O fato não está na simples narração. É sempre construído, a partir de um lugar, por procedimento documental, epistemológico e proposicional visando a qualificação veritativa da prova documental e não será encontrado nos níveis da explicação, segundo Ricoeur (2007).

Ele se distingue sensivelmente do “acontecimento”. Novamente a referência à Ricoeur (2007) quando nos lembra que a recuperação do acontecimento é sempre bem vindo , pois ele é justamente sobre “ a coisa que se fala, e principalmente “ a propósito de que”(POSSAS, 2014).

Na coordenação do LIEG/UNESP, campus de Marília essa tarefa de pesquisa, investigação e construção histórica se colocam , pois há um tema recorrente e o mas importante: tem uma historia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Situações de violência com amplitudes e feitos dramáticos tem sido divulgadas no âmbito da UNESP e vem se tornando cada vez mais visíveis, principalmente devido a divulgação das mídias e das redes de enfrentamento. No entanto a pergunta permanece : é possível contrapor o discurso naturalizado e vigente das hierarquias de gênero?

¹⁶ A reportagem que veiculou o resultado da pesquisa dizia ainda mais: “violência contra as mulheres ainda não exorcizou o fantasma da desigualdade de gênero”.

h.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/12/quase-70-das-mulheres-ja-sofreram-violencia-em-universidades-mostra-pesquisa-4921846.html . Acesso em janeiro/2016.

O III Fórum **Fale Sem Medo** realizado em São Paulo, pelo Instituto Avon - dezembro/2015 evidenciou um panorama critico e de violências com as narrativas das jovens presentes. Contou com a participação de varias autoridades, promotoras, feministas e movimentos de direitos humanos. Ver <https://www.youtube.com/user/falesemmedo>

Os ativismos dos “coletivos”¹⁷ emergem com medidas e alternativas para enfrentar e todo tipo de exclusão de minorias e estereótipos de desigualdade. A Universidade e comunidade acadêmica estão sensíveis aos conflitos e tensões que se colocam em nosso cotidiano.

Porem até o presente momento sentimos que há a urgência de rever o *colonialismo jurídico* presente em nossas instituições e que recentemente vem sido denunciado pelas tendências do feminismo acadêmico e contemporâneo frente aos estudos pós-coloniais (ADELMAN, 2009; PISCITELLI, 2002), principalmente as narrativas femininas de subalternização (BIDASSECA, 2011)¹⁸.

A nossa proposta é atentar para os *sujeitos racializados, sexualizados e colonizados e os espaços desses sujeitos em diferentes discursos*. É evidente que há uma historicidade a ser buscada e analisada. Situações de agressões, estupro não nasceram de uma *tabula rasa*, mas evidenciam uma longa permanência de práticas de abuso, de violência de gênero, como do descaso e, principalmente a impunidade dos agressores, mesmo com a Lei Maria da Penha(2006) que tornou crime todo ato de violência contra as mulheres.

Superamos os anos 50 , onde o crime sexual era conhecido por “curra”¹⁹, quando praticado por mais de um agressor,? Esse topo de notícia eram populares dos jornais do Rio de Janeiro²⁰, que exploravam aqueles casos com manchetes sensacionalistas.

Sendo carioca e estudante do curso ginásial na época, vivenciei um dos casos emblemáticos de minha juventude: o assassinato de Aída Curi²¹,

¹⁷ Identificamos nos campus da UNESP (Bauru, Botucatu e Marília) os seguintes coletivos: Abre Alas (criado em 2014; Coletivo Prisma, espaço para a população LGBT; Coletivo Negro KIMPA “ todos os negros e negras, não brancas/branco”; FEB PRIDE , luta em prol da causa LGBT na Engenharia- Bauru) ; Genis (em 2013 em Botucatu)

¹⁸ BIDASSECA, Karina “Mujeres blancas buscando salvar a mujeres color café”: desigualdad, colonialismo jurídico y feminismo postcolonial. *Andamios. Revista de Investigación Social*, vol. 8, núm. 17, sep-dic., 2011, pp. 61-89. Nesse artigo autora investe na *teoria das vozes* . Ressalta um aspecto que há *continuos intentos de algunas voces feministas de silenciar a las mujeres de color/no blancas o bien, de hablar por ellas*.

¹⁹ Segundo a interpretação de juristas : “A questão mais complicada e diz respeito à situação da ‘curra’, na qual dois (ou mais) agentes revezam-se na prática da conjunção carnal ou de outro ato libidinoso contra a mesma vítima. Exemplificadamente, enquanto um homem segura a mulher o outro com ela mantém conjunção carnal, e vice-versa. Nesse caso, cada um dos sujeitos deve ser responsabilizado por dois crimes de estupro, pois são autores diretos das penetrações próprias e coautores das penetrações alheias. <http://leonardocastro2.jus-brasil.com.br/artigos/121943503/legislacao-comentada-artigo-213-do-cp-estupro>. Acesso em março de 2015

²⁰ A Noite , jornal que agitava o cotidiano carioca (1911- 1957). Diário da Noite, que chegou a ter 200 mil exemplares, de caráter sensacionalista de crimes, roubos , assassinatos dos subúrbios do Rio de Janeiro. Pertencia a Assis Chautebriand (1929-1964).

²¹ Aida Curi , filha de família de sírios, foi assassinada em 14 de Julho de 1958 , por dois jovens ao ser conduzida ao Edifício Rio Nobre, na Avenida Atlântica, nº 3.888, no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro. Um deles Ronaldo Guilherme de Souza Castro, natural do Espírito Santo, era estudando no Rio de Janeiro, de 19 anos, *com pinta de galã de cinema francês* o outro Cássio Murilo Ferreira, menor de idade (17 anos), enteado de um coronel do DOPS e síndico do prédio. *Tinha sido expulso do Ginásio do Alferes por comportamento indigno*. Havia um terceiro . o porteiro do prédio que assistiu o ato de violação da vítima. O CRUZEIRO. O

estudante de 18 anos, secundarista que foi currada por dois jovens estudantes em Copacabana.

O crime além de ter ampla repercussão nacional devido a sua natureza “contra a honra e a moral”, deu visibilidade para mudanças culturais e de comportamentos que estavam em curso.

Naquele aquele o caso abriu caminho para os que desejam o pior: “a pena de morte, para que no Brasil a vida não continuasse ser um objeto tratado com tanto desdém pelos Cários e Ronaldos.” (Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 15/03/1960)

Houve polarizações na sociedade e na mídia que levantaram questões em outros patamares frente os casos de curra/ estupro: a *vulnerabilidade* de uma jovem e sua autonomia no espaço público, bem como o *consentimento*, decisão individual de aceitar o convite dos rapazes para ir ao apartamento.

A discussão da vulnerabilidade/consentimento nas relações entre os sexos, permanece no século XXI e vem recebendo atenção por parte de uma jurisprudência que regulamenta os instrumentos jurídicos, superando a questão da imoralidade ou como ofensa contra os valores da família, mas entendido como “violência” contra a pessoa ofendida e uma grave violação de direitos humanos (LOWENKRON, 2015, p.228).

As práticas e as relações estudantis, de docentes e funcionários vivenciadas no âmbito da Universidade, sem que ela enfrente de maneira mais assertiva, tem um caráter de manutenção das oposições binárias e hierárquica do masculino e feminino, de confronto das identidades múltiplas que no cotidiano acabam por aprofundar as desigualdades provenientes de vários marcadores sociais como de gênero, classe, de raça, de sexualidade, de confissão religiosa e partidária.

Apesar de o projeto ter um “lugar”, a partir do qual se fala, pretende envolver pesquisadoras(es) dos campi da UNESP e de outras UES, com as suas respectivas equipes composta de alun@s de IC, doutorandas e mestrandas investindo em uma perspectiva de interlocução e diálogos interdisciplinares e interseccionais para entender as suas incidências sejam do coletivo como individual.

O LIEG/ UNESP está em sintonia com os debates e teorias feministas que se colocam no tempo presente e também sensível para as mudanças epistemológicas com um olhar onde as comparações sócio históricas entre pesquisadores/as de diferentes estados da federação e latino americanos em torno da análise da violência de gênero ontem e hoje, seja possível.

júri oficializou a curra. Publicado em 02 de Abril de 1960. Disponível em: http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/02041960/020460_1.htm. Acesso em março 2015.

Em outros tempos poderia ser assim! Porém a pergunta permanece: aprendemos a lição?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELMAN, Miriam. A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.
- ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALVARES, Sonia; 2000. A “globalização” dos feminismos latino-americanos: tendências dos anos 90 e desafios para o novo milênio. IN: ALVAREZ, S. E.; DAGNINO, E. & ESCOBAR, A. (orgs.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: UFMG.
- BALESTRINI, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, 2013.
- BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janafina. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010.
- BIDASSECA, Karina “Mujeres blancas buscando salvar a mujeres color café”: desigualdad, colonialismo jurídico y feminismo postcolonial. *Andamios. Revista de Investigación Social*, vol. 8, núm. 17, sep-dic., 2011
- BONACCHI, Gabriela e Ângela Groppi.(org.) *O Dilema da Cidadania. Direitos e Deveres das Mulheres*. São Paulo, EDUNESP, 1995.
- FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. IN: *Boletim Científico ESMPU*, Brasília, a. 11 – n. 37, p. 85-99 – Edição Especial 2012
- _____. 2005. Reframing Justice in a globalizing world. *New Left Review*, London, n. 36, p.69-88
- GILMORE, Stephanie. On The Issues Magazine , Wednesday, 09 February 2011. <http://truth-out.org/archive/component/k2/item/94414:disappearing-the-word-rape>
- LOWENKRON, Laura. *Consentimento e vulnerabilidade: alguns cruzamentos entre o abuso sexual infantil e o tráfico de pessoas para fim de exploração sexual*. IN: *Cadernos Pagu* (45), julho-dezembro de 2015:225-258.
- MARANHÃO Fº. Eduardo Meinberg. Para Uma História do Tempo Presente: O Ensaio de Nós Mesmos. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*. Florianópolis: ANPUH-SC, nº.17, p. 137-151. Disponível em: <http://www.culturaegennero.com.br/download/historiadotempopresente.pdf>
- MATOS, Marlise. Movimento e Teoria Feminista : è possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul Global? *Rev. Social. Politic.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010
- Melucci, Alberto. *Acción colectiva, vida cotidiana y democracia*. México: Centro de Estudios Sociológicos, 1999
- MOHANTY, C. T. 1984. Under Westerns Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses. *Boundary 2*, Durham, v. 12, n. 3, p. 333-358.

_____. 2003. *Feminism Without Borders: Decolonizing Theory, Practicing Solidarity*. Durham: Duke University.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L.(org) A prática feminista e o conceito de gênero. Textos didáticos. N.48. Campinas; IFCH/Unicamp, 2002, p. 7-42.

POSSAS, Lidia M.V. GT Estudos de Gênero/ANPUH: uma trajetória. Fato, acontecimento e memórias. Revista História, Programa de Pós Graduação em História , UFG, v.19, n.2, 2014

_____. Testemunhas e Sobreviventes, a (re) Invenção de Identidades. Viuvez, Gênero e o Estado de Exceção na América Latina. Revista Gênero & Direito, Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba N° 01 , v. 04, - Ano 2015, p.61-75.

RICOEUR, Paul. A memória, a história e o esquecimento, Campinas, SP Editora UNICAMP, 2007; 71-134

Submetido em: 15/05/2017

Aprovado em: 28/08/2017